

NOTAS DE PENSAMENTOS VAGOS: A PUBLICAÇÃO DE ARTISTA COMO MEIO DE DAR OUTRO SENTIDO ÀS PALAVRAS E ÀQUILO QUE NOS ATRAVESSA

Fernanda Fedrizzi Loureiro de Lima

Resumo: O artigo apresenta uma reflexão sobre o processo de criação da publicação *Notas de pensamentos vagos* e o contexto em que surgiram as anotações que vieram a se tornar trabalho. Discute o sentido das palavras quando rompem com a linguagem, e a escrita na solidão como consequência dos atravessamentos cotidianos e das marcas geradas por eles. Traz, também, uma aproximação de conceitos da psicanálise para discorrer sobre a utopia, o desejo e a palavra em territórios de crise. Por fim, discorre sobre as publicações de artista e o que motivou o desenvolvimento de uma poética que se dá por meio da escrita e dos impressos.

Palavras-chave: Notas de pensamentos vagos. Palavra. Processo de criação. Publicação de artista.



NOTAS DE PENSAMENTOS VAGOS: THE ARTIST PUBLICATION AS A WAY TO BRING ANOTHER MEANING TO WORDS AND TO WHAT GOES THROUGH US.

Abstract: The paper presents a reflection on the creation process of the publication *Notas de pensamentos vagos* and the context in which the annotations were written and consequently became work. Discusses the meaning of words when they break with language and the writing in loneliness as a consequence of daily experiences and the marks caused by such situations. It also brings an approach to concepts from psychoanalysis to discuss utopia, desire, and the use of the word in crisis territories. At last, it discusses about artist publications and what motivated the development of a poetic that happens through writing and printing.

Keywords: Notas de pensamentos vagos. Word. Creation process. Artist publication.

Este é um escrito sobre pensamentos despejados em cadernos físicos e espaços virtuais. Sobre as palavras que escapam o corpo pelos dedos que, habilmente, transformam riscos em anotações e textos. A publicação *Notas de pensamentos vagos* é formada por um compilado de setenta e duas páginas avulsas organizadas em uma pequena caixa de papel onde estão guardados suspiros, gritos, anúncios e renúncias feitas entre 2012 e 2020, especialmente o período de distanciamento social necessário devido à pandemia de COVID-19. As notas expressam o cotidiano e, por muito tempo, a necessidade de externalizar em ambiente privado o que sentia ao me deparar com minha própria complexidade, inocência, entusiasmo ao aprender algo novo, mesmo que por meios confusos.



Notas de pensamentos vagos é um trabalho de cunho pessoal cujo processo de criação foi lento e cada detalhe recebeu toda a atenção necessária para que, ao fim, estivesse ligado a mim não apenas pelas palavras escritas mas pela materialidade da obra: uma desordem organizada. Uma contradição. Um amontoado de ambivalências. Enquanto artista, verso sobre a cidade e a palavra, passando pelas diversas formas de **-grafia**: escrita, desenho, cartografia e fotografia. Sobretudo, penso a palavra dada como denotadora de sentido das coisas, das sensibilidades, das representações, das imagens, e da própria escrita. Se a palavra é uma forma de qualificar o mundo, criando outras realidades e organizando nossa percepção de mundo (Pesavento, 2001, p. 99) e, ainda assim, só nos permite dizer o que permite dizer (Barthes, 2013, p. 15), então soltá-las, desobrigá-las de uma narrativa sequencial, confundi-las, juntar anotações que não se complementam e, inclusive, se contradizem, é uma forma de dar outros sentidos às coisas.

E que sentidos são estes? Denotativos ou conotativos? A linguagem pode usar a palavra em seu sentido literal, duro, imposto, ou seja: o significado límpido da palavra, conforme dado nos dicionários da língua. Ou então em um sentido figurado, que constrói uma nova definição ao denotativo, ao imposto. O sentido conotativo é aquele que abre os caminhos para uma expressão mais verdadeira, onde as palavras, anotações, textos, escritos, ganham outros significados e ampliam as camadas perceptivas tanto de quem escreve quanto de quem lê. As **Notas de pensamentos vagos**, de certo modo, recusam a palavra opressora e a estrutura textual que busca linearidade e sentido dado. Ao contrário, são caóticas. Não em seus significados, mas em sua matéria: o papel



vegetal onde as imprimo faz com que elas se confundam quando ordenadas e se tornem mais legíveis espalhadas, bagunçadas, ou então lidas uma a uma. Quando vistas individualmente, em mãos e olhando de perto, é possível encontrar um sentido para as palavras.

Contexto de criação

A publicação *Notas de pensamentos vagos* surgiu enquanto trabalho durante os primeiros meses de 2020. Concomitante ao isolamento social e aos intermináveis dias dentro de casa, me encontrava na reta final da escrita da dissertação de mestrado, buscando me adaptar à nova vida em minha cidade natal e iniciando outra graduação. A escrita se apresentava como uma urgência: precisava colocar em palavras aquilo que já não poderia ficar dentro de mim. Com frequência esquecia o que lia, o que pensava, o que conversava e, então, intensifiquei as anotações que fazia nos cadernos, na agenda, no *Twitter*, no *Tumblr* e no *Google Keep*. Entre frases, pensamentos, poesias e devaneios, fui percebendo a formação de uma poética que discorria mais sobre meu processo de criação do que, especificamente, escrever academicamente sobre este processo.

Desde a adolescência, no início dos anos 2000, utilizo diversos meios de registro dos meus pensamentos: cadernos compartilhados com amigas, *blogs* e redes sociais diversas. Em 2012, saí da esfera das anotações meramente pessoais e comecei a anotar conceitos, pensamentos que surgiam das leituras que fazia, tópicos de conversas que despertaram interesse mais profundo. Destes registros surgiram outros trabalhos, realizados antes de que eu tivesse consciência de que estas notas poderiam existir como obra. Em 2020 o volume de anotações aumentou



consideravelmente. Morando sozinha, isolada em meio a uma pandemia e passando por inconstâncias emocionais ímpares, o ato de escrever ganhou tons intensos que se davam entre os mais dolorosos e os que apresentavam a euforia da descoberta de algo até então não percebido.

A solidão, no entanto, não foi um disparador para sentimentos que podem ser considerados negativos. Antes mesmo do distanciamento social, a solidão já era algo presente em minha vida como um espaço de internalização, compreensão e potência de cura. O psicanalista Cristian Dunker diz que a solidão benéfica é a "solidão reconhecida", onde o "cultivo da solidão é cultivo do Outro que nos habita" (Dunker, 2017, p. 31, grifo do autor). Entendo que isto significa que ao escrever para mim, em minha solidão, escrevo para o outro e o coloco em mim. A solidão, então, seria uma espécie de espaço de cultivo da empatia, de conexão com o que difere de mim, e se traduz na possibilidade de uma abertura para diálogos que não seriam possíveis sem que houvesse o tempo de reconhecimento da diferença. A solidão imposta com a chegada da COVID-19, e aqui friso que afasto a pandemia de qualquer conotação positiva, consentiu que a imersão no **eu** permitisse, talvez, entender quem é o **Outro**.

Cruzando os dados sobre o **eu**, o **Outro** e a palavra escrita, percebi a necessidade de fazer surgir **outra cidade** e **outras palavras**, ou expressões, que se diferenciasssem das existentes, denotadoras de significados, organizadoras de percepções (Pesavento, 2001, p. 99). Outra cidade, pois esta é tema recorrente em meus trabalhos, uma vez que minha formação me fez uma profissional mais dada ao urbanismo que à arquitetura. A cidade, assim como a palavra, se apresenta de forma vertical e só nos permite viver aquilo que ela



propicia enquanto experiência política, assim como disse Roland Barthes ao afirmar que a língua é fascista (Barthes, 2013, p. 15). A solidão permitiu que eu percebesse poesia em um cotidiano quase estéril: os mesmos ambientes, os mesmos trajetos, a mesma paisagem, comunicação e presença virtual. Um recorte urbano e arquitetônico imposto pela cidade pré-existente e pelas janelas que me permitem ver o exterior. Nelson Brissac Peixoto, filósofo que discute as relações entre arte e urbanismo no livro *Paisagens urbanas*, diz que “a poesia então nasceria da compreensão da incapacidade de as palavras darem conta da paisagem” (Peixoto, 2004, p. 37), tornando possível a “escrita da descrição impossível” (Peixoto, 2004, p. 37) por meio dos diferentes tons que ela viabiliza para algo que já está dado. Neste ponto, pensando a escrita como uma descrição do impossível, composta por um desejo de realidade, penso que ela pode ser considerada, e construída em, utopia.

O psicanalista Edson Sousa diz que “um pensamento sobre a função da utopia vem, portanto, provocar a imaginação a abrir outros caminhos possíveis ao pensamento para que não fiquemos paralisados na obscuridade do instante” (Sousa, 2007, p. 14), em um sentido de que a utopia pode representar “uma certa ruína dos saberes instituídos” (Sousa, 2007, p. 29) e se apresenta como aquilo que surge em torno de um “território de crise” (Sousa, 2007, p. 32). No caso da linguagem escrita, entendo que o saber instituído é a palavra que determina como e quando seremos capazes de exprimir um pensamento. Roland Barthes (2013) diz que a prática da escrita, por ele entendida como literatura, escritura ou texto, é o que permite que se combata o poder limitador da língua que nos impõe a forma como as coisas são ditas. Diz o teórico:



“através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático” (Barthes, 2013, p. 20) e que “ela acredita sensato o desejo do impossível” (Barthes, 2013, p. 24). Penso, então, que a escrita poética possibilita a descrição impossível (Peixoto, 2004, p. 37) de um “território de crise” (Sousa, 2007, p. 32), ou **em** crise, por apresentar-se em sua “função utópica” (Barthes, 2013, p. 24) que, por meio do pensamento poético, permite que sejam construídos outros caminhos.

Acredito verdadeira a possibilidade de as palavras possuírem potencial curativo. Não que sejam capazes de prevenir enfermidades mas, ao externalizarmos dores e anseios, aliviar nossos males. O pensamento e a escrita poética se tornaram meios de resistência e consciência sobre a importância da palavra, dando a ver um mapeamento daquilo que me atravessa, da emergência de cada momento, dos territórios internos e externos, e das estratégias que crio para percorrer cada caminho por meio da imprevisibilidade cotidiana. Diz a psicanalista Suely Rolnik que “o pensamento é uma espécie de cartografia conceitual cuja matéria-prima são as marcas e que funciona como universo de referência dos modos de existência que vamos criando” (Rolnik, 1993, p. 244). O volume de setenta e duas **Notas de pensamentos vagos** desenha alguns dos modos de existência que fizeram parte da minha construção enquanto artista e pesquisadora, fazendo assim uma linha do tempo desconstruída, sem início, meio ou fim, que conta a história de algo que ainda está em desenvolvimento.



Quando Suely Rolnik (1993) fala das marcas ela se refere aquilo que nos atravessa e deixa rastros, sejam eles físicos ou psicológicos. Diz o artista visual André Amaral em seu ***Manifesto pela escritura poética*** que “a poesia é capaz de curar” (Amaral, 2018, p. 12), principalmente em tempos nebulosos. Em ***Notas de pensamentos vagos***, apresento alguns dos pensamentos que me marcaram e se tornaram potência curativa nos momentos em que precisava lançar palavras ao outro, adiante, ao impossível. Esta, talvez, seja a função utópica das palavras neste trabalho: tratar as feridas abertas em meio a um território **em** crise, fazendo poesia para dar conta de uma paisagem construída em solidão.

Notas de pensamentos vagos

O título do trabalho surgiu antes mesmo da possibilidade de entendê-lo como poética. Surgiu de uma conversa informal com a artista e professora Helene Sacco, em 2019, em um período em que eu escrevia um texto onde outro o atravessava, interrompendo o fluxo da leitura e trazendo ideias que por vezes contradiziam o que estava escrevendo poucas linhas antes. Helene sugeriu que eu indicasse estas interrupções como ***notas de pensamentos***, anotações de uma pessoa de outro tempo que não o do texto principal, ainda que também fossem de minha autoria. Complementei dizendo que, então, seriam ***pensamentos vagos***, pois eram soltos, sem necessariamente estarem em acordo com o texto principal ou qualquer outro que se pudesse imaginar naquele momento. Muitos destes pensamentos são anotações que fazem parte de ***Notas de pensamentos vagos*** cujo título é uma das setenta e duas notas.





Figura 1. "Fernanda Fedrizzi. *Notas de pensamentos vagos*, 2020. Publicação. 7x7cm. Porto Alegre/RS. Fonte: Fernanda Fedrizzi.

O processo de criação de *Notas de pensamentos vagos* (Figura 1) enquanto trabalho materializado em uma publicação se deu, inicialmente, pela escolha da forma de cada página: de formato quadrado, com textos escritos em dois tamanhos de fonte, em estilo máquina de escrever, e impressos em tinta preta em folhas de papel vegetal formato A4. Naquele momento ainda não sabia como selecionaria e organizaria as anotações para que se tornassem uma publicação, então iniciei o processo revisando meus cadernos físicos e as plataformas **online**. Optei por utilizar somente as notas digitais, pois registrei diversos dos escritos manuais também digitalmente. Seleccionei aproximadamente noventa anotações para serem revisadas. Enquanto as formatava, organizando o conteúdo nas páginas, decidi não corrigir quaisquer erros relacionados à



língua portuguesa. As **Notas de pensamentos vagos** são sinceras e admitem falhas, incoerências, falta de concordância ou sentido. Algumas das notas eram imagens, e estas foram excluídas pois optei por manter apenas escrituras. Outras foram deixadas de lado por serem extensas demais.

Sabia que gostaria de realizar um trabalho com uma **atmosfera intimista** e por isso o idealizei em um pequeno formato. Realizei testes de impressão em tamanhos diversos, pensando em um bom aproveitamento da folha de papel vegetal e em dimensões pequenas o suficiente para que o trabalho fosse compacto e, ao mesmo tempo, legível. Após inúmeros testes, o formato final das páginas foi definido em 6,5x6,5cm, o que possibilita a impressão de nove notas por folha formato A4 de papel vegetal 75g/m². Para reunir as notas criei um invólucro: na primeira versão do trabalho, em papel mini fibra branco com gramatura de 180g/m²; em um segundo momento, para a versão final, em papel reciclado, de aparência semelhante e mesma gramatura do utilizando anteriormente. A caixa idealizada como invólucro possui 7x7cm e 0,5cm de profundidade (Figura 2). As informações sobre o trabalho, autoria e dados editoriais estão inseridas por meio de papel sulfite adesivo branco com texto impresso em cor preta. Na primeira versão, realizada para inserção na dissertação de mestrado, utilizei fontes e formatação dos adesivos diferentes da versão final. O processo de concepção, projeto gráfico, produção editorial, impressão digital, montagem e publicação é realizado por meio do projeto editorial independente **editora Certerrada** idealizado para que eu me autopublicasse.

O papel vegetal, que possui certa transparência (Figura 3), confunde os escritos e exige uma leitura próxima aos olhos. Um



manusear que liberta os escritos de um conteúdo lógico e faz com que seja necessário separar uma página da outra para que as palavras se explicitem. A confusão, a sobreposição das notas, diz respeito a um pensamento caótico, digno do território **em** crise (Figura 4). O espaço da depressão e da euforia. Da solidão. Das palavras que não dão conta da complexidade do momento e que podem ser interpretadas de diversos modos, de acordo com quem lê. Do cultivo do **eu** no **outro** e do **outro** em **mim**.

Como artista que concebe e executa todas as etapas de construção dos impressos e publicações, penso em cada um deles a partir da seguinte questão: se eu visse este trabalho em alguma



Figura 2. "Fernanda Fedrizzi. *Notas de pensamentos vagos*, 2020. Publicação. 7x7cm. Porto Alegre/RS. Fonte: Fernanda Fedrizzi.



loja, feira, livraria, exposição ou qualquer outro meio de propagação da arte, teria desejo de tê-lo em casa? Me sentiria tentada a adquiri-lo? Desejaria ter criado este trabalho? A resposta deve ser afirmativa para todas as perguntas. Para compreender o que me leva a realizar os questionamentos anteriores precisava refletir sobre o que me atrai nas publicações de outros artistas e quais as características que despertam o meu desejo. Neste processo descobri que meus anseios são motivados pela solução formal do trabalho somado à curiosidade sobre o conteúdo e é neste sentido que oriento as escolhas que faço enquanto artista.

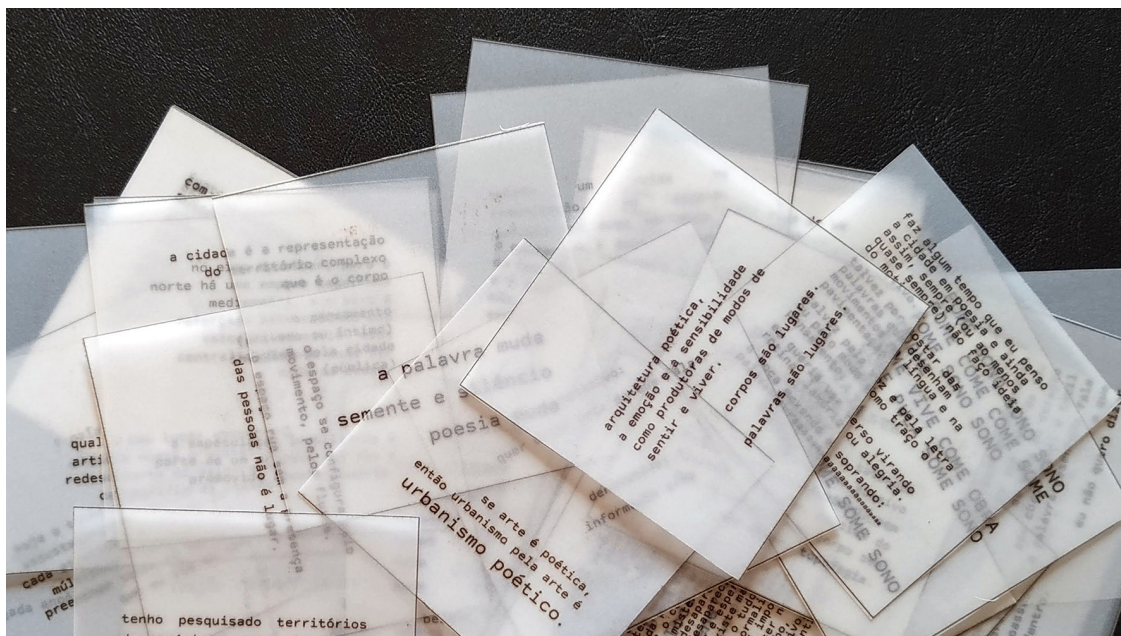


Figura 3. "Fernanda Fedrizzi. *Notas de pensamentos vagos*, 2020. Publicação. 7x7cm. Porto Alegre/RS. Fonte: Fernanda Fedrizzi.



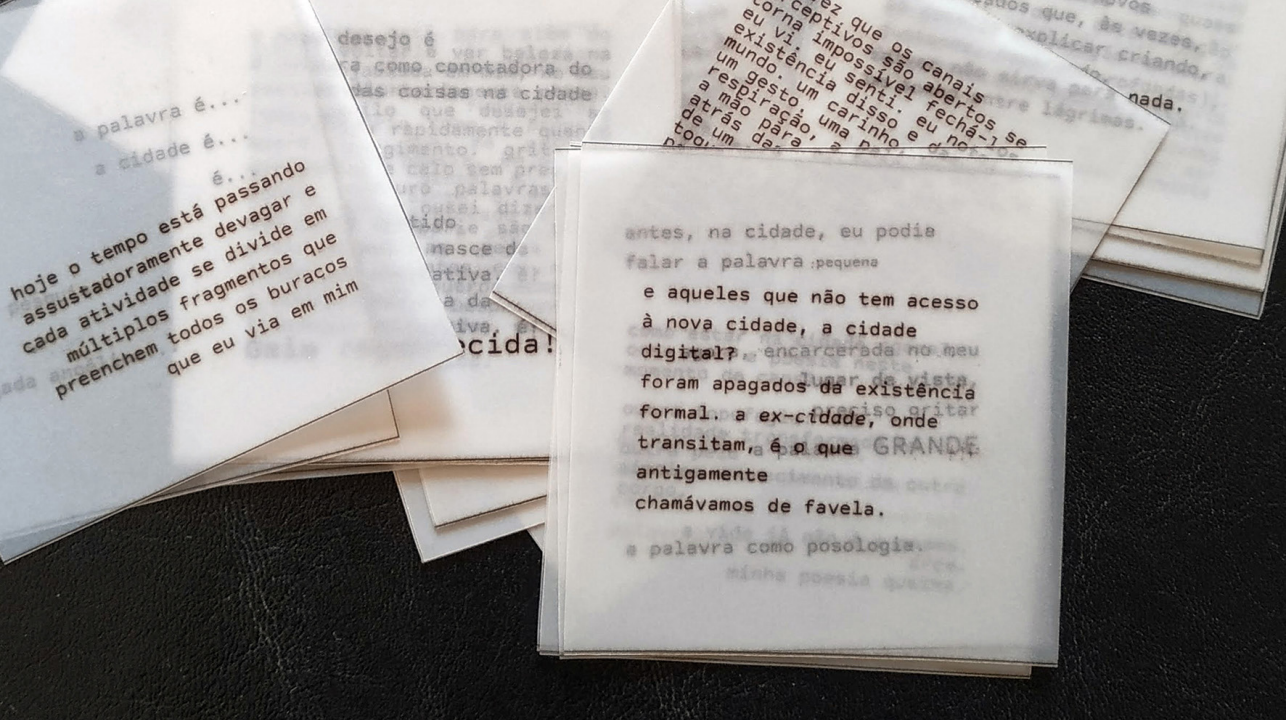


Figura 4. "Fernanda Fedrizzi. *Notas de pensamentos vagos*, 2020. Publicação. 7x7cm. Porto Alegre/RS. Fonte: Fernanda Fedrizzi.

O papel vegetal desperta a vontade de descobrir o que se encontra nas camadas que estão por vir, pois a veladura acorda a curiosidade e permite a existência do prazer que emerge com a descoberta do conteúdo. Roland Barthes (2015) fala do poder erótico da intermitência, que em *Notas de pensamentos vagos* é dada na transparência do papel escolhido, construindo uma relação com a psicanálise:

O lugar mais erótico de um corpo não é *lá onde o vestuário se entreabre?* Na perversão (que é o regime do prazer textual) não há "zonas erógenas" (expressão aliás bastante importuna); é a intermitência, como o disse muito bem a psicanálise, que é erótica: a da pele que cintila entre duas peças (as calças e a malha), entre duas bordas (camisa entreaberta, a luva e a manga); é essa cintilação mesma que seduz, ou ainda: a encenação de um aparecimento-desaparecimento. (Barthes, 2015, p. 15-16, grifo do autor).



O invólucro também trabalha para que este processo sedutor se construa, uma vez que as camadas de papel vão se abrindo e com isso vão se revelando informações sobre o trabalho e o conteúdo das **Notas de pensamentos vagos**. A solução adotada faz com que a publicação seja revelada aos poucos: a caixa que abriga o conteúdo é sóbria e rígida, formal, sem dar indícios do conteúdo a ser encontrado. Por traz da casca dura há um corpo sensível. As notas são **ébricas** e maleáveis, vacilantes e informais, e talvez seja aí que mora o despertar do desejo.

Da palavra e das publicações

Sinto que **Notas de pensamentos vagos** teve influência de **O prazer do texto** (2015), de Roland Barthes, mesmo antes que eu tomasse conhecimento sobre a existência do livro, pois vejo semelhanças na brevidade da escrita, nas reflexões que são ruminadas e na aparente independência entre um escrito e o outro. As **Pieces** e a publicação **Grapefruit** (1964), de Yoko Ono, cujo formato final das notas foi uma singela homenagem, foram motivo de inúmeras tardes de reflexão acerca do interesse que me causavam. O livro de artista **Em uma dada situação** (2010) de Francis Alÿs fez parte do processo de compreensão do que é uma publicação cujo conteúdo é o processo criativo do artista. Fiona Banner também é uma artista que se destaca enquanto influência, principalmente se tratando dos seus trabalhos que envolvem a descrição de cenas por meio da escrita, como **THE NAM** (1997), e os diversos trabalhos que ela intitula com números de ISBN¹. Contudo, as maiores referências quanto à solução formal que eu adotaria em

¹ *International Standard Book Number*, o sistema internacional de identificação de livros. o exemplos disso.



Notas de pensamentos vagos, assim como em outros trabalhos, vieram do contato com as publicações de artistas brasileiros.

Além dos materiais referenciais encontrados na internet, acredito que para criar publicações interessantes é preciso manusear, sentir, experimentar outros impressos. Minha principal fonte de acesso aos impressos e livros de artista foi o projeto de ensino **Espaço Dobra: ateliê de publicações artísticas**, que tem como objetivo o estudo e produção de publicações artísticas, e o grupo de pesquisa **Lugares-Livro: dimensões materiais e poéticas**, que estabelece reflexões sobre livros e impressos de artista, instaurando debates e promovendo trocas entre pesquisas. Ambos os projetos coordenados pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco e vinculados ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (CA-UFPEL). **Espaço Dobra** também é o nome do espaço físico onde é possível acessar o acervo de publicações, que conta com trabalhos de artistas de diversas partes do mundo, sobretudo do Brasil.

Nas relações construídas na UFPEL, conheci os trabalhos do artista visual Fabio Morais, que foi uma referência importante para que eu compreendesse os formatos de escrita e materialização que me despertam interesse. Seus trabalhos **Eu¹ não² valho³ nada⁴ mas⁵ eu⁶ gosto⁷ de⁸ você⁹** (2018) e **Sabão** (2018) estiveram presentes em meu processo de entendimento da importância da publicação e do quão política é a decisão de publicar. **Escala de cor das coisas** (2009), da artista visual Letícia Lampert, faz parte do meu acervo pessoal desde antes do meu despertar enquanto alguém que trabalha com escritos e impressos, pois este trabalho está dentro da lógica de catalogação e do cotidiano, duas esferas que muito me interessam e estão presentes nos meus trabalhos.



Sabendo da importância de construir um repertório sobre o tema, é imprescindível salientar o papel da universidade neste processo de me reconhecer enquanto artista que realiza autopublicação. Por meio do ambiente acadêmico conheci impressos e publicações de colegas de mestrado, artistas ainda em formação e outros tantos de fora da universidade mas cujos trabalhos estavam inclusos no acervo dos projetos de ensino e pesquisa das quais fiz parte. A proximidade com Helene Sacco, e seus trabalhos para além da pesquisa, também foi de grande importância no processo de compreensão da minha poética e para que fosse possível adquirir conhecimento específico sobre o universo dos impressos e publicações. Sem o convívio na universidade ***Notas de pensamentos vagos*** não seria possível. Antes da inserção neste meio, possivelmente, não saberia do potencial poético da escrita quando posto em um lugar diferente daquele que já está dado. A escrita realizada por artistas permite que a palavra vire poesia em um sentido para além do pré-estabelecido, a libertando, inclusive, dos meios tradicionais de fazer literatura e de publicar. Se, como já dito anteriormente, as palavras organizam a percepção do mundo (Pesavento, 2001, p. 99), as publicações de artista ajudam a materializar uma organização outra da escrita por meio de um pensamento poético. Diz o psicanalista Edson Sousa:

Precisamos cada vez mais de um pensamento poético que, uma vez instaurado, produza efetivamente um fazer político no sentido pleno da palavra. A produção poética revigora a língua, toca com coragem no limite do dizível, contorna com determinação as fronteiras do informe. Produz, portanto, um pensar contra. Assim busca esburacar o véu de cegueira que a racionalização e o tecnicismo contemporâneo nos impõem. (Sousa, 2007, p. 35)



Na publicação “*Eu¹ não² valho³ nada⁴ mas⁵ eu⁶ gosto⁷ de⁸ você⁹*” (2018) Fabio Morais escreve, com ironia e bom humor, sobre a condição do artista que imprime e publica em um país que não valoriza a leitura e os livros. Fala da publicação de artista como um meio de fazer com que a troca de subjetividades seja simplificada, uma vez que, principalmente por meio da autopublicação, há maior facilidade na circulação da obra por diferentes circuitos, inclusive rompendo as barreiras dos sistemas da arte. Escreve também sobre os livros como meio de sobrevivência em tempos de crise, e da palavra como aquilo que sustenta o corpo, que é a forma física publicada e enraizada no cotidiano. Esta publicação produz o **pensar contra** ao romper com as estruturas e sentidos pré-estabelecidos, uma vez que as publicações de artista propiciam o intercâmbio de subjetividades, ou seja, das relações entre o **eu** e o **outro**.

A publicação, então, se apresenta como um meio de proliferação dos sentidos amplificados da palavra, da alteridade e da arte. É, como diz a artista e professora Regina Melim, “uma exposição itinerante. E por ser portátil, o seu deslocamento é muito mais acentuado. Pode dispersar-se pelo mundo, até perder de vista” (Melim, 2010, p. 9). Esta também é uma das razões que me faz imprimir e publicar: marcar as sensibilidades no tempo, deixar a palavra correr e criar sentidos outros, fazer o pensamento que surge em movimento de desejo ocupar o mundo e assim apresentar seu potencial de cura. A publicação, por seu caráter inerentemente político em um cenário nacional de desvalorização dos livros, dos escritos e da leitura, é um dos meios possíveis para darmos outros sentidos às palavras. A publicação de artista rompe, também, a necessidade da inserção formal no universo das exposições e invade espaços onde os meios tradicionais não



chegam. “Expandir a noção de espaço expositivo e de exposição é a possibilidade que temos de fundar outros circuitos, outros lugares para experimentações e ganhar outros territórios” (Melim, 2010, p. 9), sejam estes territórios de crise, **em** crise ou indizíveis.

Considerações em processo

Um pensamento vago, não ocupado ou solto. Uma escrita sem lugar, utópica. Livre das amarras de uma narrativa, da linguagem ou de um conhecimento específico. O pensamento e a escrita poética não são opressores como a linguagem e a língua. Neles, a palavra é livre para ser conotativa e, inclusive, denotativa quando assim se deseja. O desejo é ouvido e o impossível descrito, mesmo quando confuso. Na publicação, resultante do pensar e escrever poético, a solidão ganha sentidos outros e a palavra expande, invadindo outros espaços e corpos. Construindo lugar para atravessamentos, trocas de subjetividades e construção da alteridade.

Cada uma das setenta e duas páginas de **Notas de pensamentos vagos** é um relato de um instante do percurso que fiz enquanto buscava entender o que me interessa, o que sou, como lido com cada descoberta e como realizo a descrição impossível do território **em** crise. Apresentar pensamentos às vezes sem sentido, admitir as incertezas e algumas descobertas, me libertou do medo de permitir que o **outro** acesse minhas sensibilidades, pois é justamente isso que me desperta curiosidade sobre as publicações de outros artistas. Foram as incoerências, as marcas, a solidão e a introspecção que me permitiram dar leveza ao que um dia era certeza. **Notas de pensamentos vagos** apresenta o processo de criação e pesquisa como poética e potência de cura em tempos



sombrios, permitindo que sejam criados outros sentidos às palavras desgastadas pelos discursos de tempos rígidos e, assim, perceber e entender melhor aquilo que nos atravessa.

Fernanda Fedrizzi é arquiteta urbanista e artista visual, mestra em processos de criação e poéticas do cotidiano (PPGAVI/UFPe), especialista em design estratégico (UNISINOS) e bacharelada em história da arte (UFRGS). Participa do projeto de pesquisa Lugares-livro: dimensões poéticas e materiais e Poéticas NO Espaço: investigações, proposições de formas de presença (CA/PPGAVI/UFPEL), coordenados pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco. Dedica a prática e pesquisa poética à palavra e à cidade, refletindo sobre linguagem e materializando pensamentos por meio de impressos e publicações através da Editora Certerrada, um projeto editorial independente. www.fernandafedrizzi.com.

Referências

ALYS, Francis. **Numa dada situação**: Francis Alÿs. Título em inglês: In a given situation. Tradução: Vários tradutores. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

AMARAL, André Pereira do. **Manifesto pela escritura poética** / André Pereira do Amaral. São Paulo, 2018.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977 / Roland Barthes; tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.



BARTHES, Roland. **O prazer do texto** / Roland Barthes; tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DUNKER, Cristian. **Reinvenção da intimidade**: Políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

LIMA, Fernanda Fedrizzi L. de. **Notas de pensamentos vagos**. Porto Alegre: Fernanda Fedrizzi Loureiro de Lima, 2020.

MELIM, Regina. Exposições Portáteis. In: SARI, Marcos; MARX, Daniele (Org.). **Meio**. Tradução: Nick Rands. Porto Alegre: Ed. Panorama Crítico, 2010. pp. 7-9.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Era uma vez o beco: origens de um mau lugar. In: **Palavras da Cidade** / organizado por Maria Stella Bresciani. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. pp. 97-119.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de Subjetividade**, v.1, n.2: pp. 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

SOUSA, Edson Luis André de. **Uma invenção da utopia**. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

